

Arcadi Volodos



22 jan 24

Arcadi Volodos Piano

Franz Schubert

Sonata para Piano em Lá menor, D. 845

c. 38 min.

1. *Moderato*
2. *Andante, poco mosso*
3. *Scherzo: Allegro vivace – Un poco più lento*
4. *Rondo: Allegro vivace*

INTERVALO

Robert Schumann

Dauidsbündlertänze, op. 6

c. 35 min.

1. *Lebhaft / Vivo*
2. *Inmig / Íntimo*
3. *Mit Humor / Com humor*
4. *Ungeduldig / Impaciente*
5. *Einfach / Simples*
6. *Sehr rasch / Muito rápido*
7. *Nicht schnell / Moderado*
8. *Frisch / Fresco*
9. *Lebhaft / Vivo*
10. *Balladenmässig / Como uma balada*
11. *Einfach / Simples*
12. *Mit Humor / Com humor*
13. *Wild und lustig / Selvagem e travesso*
14. *Zart und singend / Terno e cantante*
15. *Frisch / Fresco*
16. *Mit gutem Humor / Com bom humor*
17. *Wie aus der Ferne / Como vindo de longe*
18. *Nicht schnell / Moderado*

Franz Liszt / Arcadi Volodos

Rapsódia Húngara n.º 13, em Lá menor, S. 244/13

c. 8 min.

DURAÇÃO TOTAL PREVISTA: c. 1h 50 min

INTERVALO DE 20 MIN.

Franz Schubert

(Viena, 1797 – Viena, 1828)

Sonata para Piano em Lá menor, D. 845

COMPOSIÇÃO 1825

DURAÇÃO c. 38 min.

Escrita em maio de 1825, a Sonata em Lá menor foi a primeira de Schubert a ser editada, o que sucedeu logo em 1826, por Anton Pennauer, como op. 42, e dedicatória ao cardeal-arquiduque Rudolfo (dedicatário da *Missa Solemnis* de Beethoven)¹. Ela antecede imediatamente (ou coincide com a fase inicial) a feliz e prolongada temporada que Schubert passou na Alta Áustria e no Salzkammergut, durante a qual compôs a Sonata em Ré maior (futura D. 850), as sete canções de *A dama do lago*, de Walter Scott² e esboçou o que viria a ser a Grande Sinfonia em Dó maior. A tonalidade de Lá menor usara-a Schubert também nas Sonatas D. 537 (1817) e D. 784 (1823), bem como no Quarteto para Cordas *Rosamunde* (1824). Como nessas obras, é uma tonalidade que suscita em Schubert um misto de agitação e inquietação, contida ou comedidamente exteriorizada. O *Moderato* inicial é uma forma-sonata original: dois temas animicamente parecidos – o primeiro em unísono, com um peculiar mordente; o segundo com um salto de oitava descendente e notas

repetidas; e há dois “desenvolvimentos terminais” (fim da exposição e da recapitulação), sendo que o segundo tema só ali é tratado, pois o desenvolvimento “a sério” faz-se todo sobre o primeiro tema. O *Andante poco mosso* (Dó maior) é um tema e variações que introduz alguma distensão: o tema tem um perfil simples e quadratura clássica, seguindo-se cinco variações de caráter sobretudo ornamental, das quais a terceira é o habitual *minore* (com elementos do primeiro andamento) e a quinta é dotada de uma tranquila coda. O *Scherzo* é vigoroso, com um *Trio* em balanço de barcarola. O *Rondo* final tem três elementos principais – o 1.º fluido, o 2.º rítmico e o 3.º acórdico – que se vão transformando a cada reaparição. Marcante na escrita de Schubert nesta obra é a oposição de registos, as repetições obrigatórias e o gosto pela escrita acórdica-vertical (por vezes maciça), típica igualmente das Sonatas, pouco mais tardias, em Ré maior, D. 850, e em Sol maior, D. 894, juntamente com a presente, as únicas a serem editadas em vida do compositor.

1. Schubert conseguiu aliás negociar por um preço relativamente elevado essa edição e a obra atrairia o interesse no autor também na Alemanha e na Suíça.

2. Entre as quais se conta a famosa *Ave Maria*.

Robert Schumann

(Zwickau, 1810 – Eendenich, 1856)

Dauidsbündlertänze, op. 6

—

COMPOSIÇÃO 1837

DURAÇÃO c. 35 min.

As *Dauidsbündlertänze* (ou *Danças dos correligionários de David*) são a expressão mais óbvia desse fruto da imaginação literário-musical de Schumann, que se chamou *Dauidsbund* (*Liga de David*, criada em 1833), a qual, de acordo com o seu credo estético, tinha por propósito único combater todas as formas de “filistinismo musical”, modo por que ele cunhava os conservadores/situacionistas do espaço germanófono. Apesar do seu *opus 6*, ela é de facto posterior a obras como o *Carnaval*, os Estudos Sinfónicos, as Sonatas n.º 1 e n.º 3 e a Fantasia em Dó maior, e foi escrita nos dois meses seguintes ao seu noivado secreto com Clara Wieck (14/8/1837) – talvez por aí se perceba a afirmação de Schumann de que, mais do que danças, o que vertera nestas peças de carácter eram sobretudo “pensamentos de festas de despedida de solteiro e de casamento”. A edição deu-se em janeiro de 1838, por Friese, de Leipzig¹, com dedicatória a Walther von Goethe, neto do grande poeta.

Constituída por duas partes, cada uma com nove peças, o que torna esta coleção única é o facto de todas as peças serem atribuídas aos compositores Florestan e Eusebius, individualmente ou “em parilha”, sob a forma das suas iniciais. Trata-se, como sabemos, de personagens fictícios, *alter egos* de pólos opostos do próprio Schumann: Florestan, o impetuoso e heroico; Eusebius, o delicado e lírico². Atestando da presença subliminar de Clara, o motivo que primeiro se ouve é o *Motto von C. W.*: uma citação de uma *Mazurca* escrita por Clara³ e que irá reaparecendo transformada ao longo da peça. Como é norma neste tipo de obras, a variedade faz-se pela alternância contrastante de caracteres e de *tempi* (conseguida desde logo pelo facto de ser Florestan, ou Eusebius, o respetivo “autor”) e de cor harmónica/tonalidades – aqui, predominando as relações de terceira entre Sol, Si e Ré (sempre nos modos maior e menor).

1. Uma edição revista surgiria em 1850, por Schubert.

2. Florestan e Eusebius também são referidos no *Carnaval* e na Sonata n.º 1, e mesmo a Fantasia esteve para se chamar *Grande Sonata de Florestan e Eusebius*.

3. Integrada na coleção *Soirées musicales*, op. 6.

Franz Liszt

(Raiding, 1811 – Bayreuth, 1886)

Rapsódia Húngara n.º 13, em Lá menor, S. 244/13

COMPOSIÇÃO 1847 / Arr. Volodos, 2007

DURAÇÃO c. 8 min.

Tendo deixado o seu país natal em idade juvenil, a primeira visita de Liszt à Hungria aconteceu entre dezembro de 1839 e fevereiro de 1840, regressando depois (durante vários meses) em 1846. Essas estadas renovaram nele a identificação com a nação que sentia ser a sua e durante as mesmas ele fez questão de conhecer a música do seu país: absorveu os idiomas do *verbunkos* e da *csárdás* e familiarizou-se com a canção popular de recorte culto e com a canção tradicional, as duas últimas quase sempre por intermédio de músicos ciganos.

Logo em 1840, Liszt faz publicar as primeiras sete peças de uma coleção que intitulou *Magyar dalok*¹ (significa: *Canções húngaras*) e nos anos seguintes, ele tocava arranjos dessas melodias nos seus concertos, popularizando este idioma junto de audiências de todos os países europeus. Tratou-se, aqui, de um processo híbrido que, se é certo que atesta a familiaridade que ganhou com estes idiomas, também incluiu forçosamente uma adaptação para as possibilidades/sonoridades do piano, da sedução melódica, da espontaneidade rítmica e da frescura e fogueira

improvisatórias dos originais magiares. Seja como for, foi desta combinação de experiências que resultou, uma vez abandonada a itinerância pianística (outono de 1847), a composição das 19 Rapsódias húngaras, que seguem o característico padrão formal húngaro *lassan-friss* (ou seja: lento-rápido). Do conjunto, 15 viram a luz do dia entre 1847 e 1853, ou seja, datam do seu “período de Weimar”. A n.º 13 pertence, pois, a este grupo e foi dedicada ao conde húngaro Leo Festetics de Tolna². Abre com uma introdução lenta, de caráter sério e sombrio (indicação de caráter: *malinconico*) e que contém o material motivico da peça como um todo. Segue-se-lhe uma secção em Lá maior (sem alteração de tempo), mais luminosa, mas aqui e ali entrecortada pelo tema principal da introdução. Uma 3.ª secção (*Vivace*) encadeia-se, apresentando uma melodia fogosa, mas com amplo espaço para virtuosismos múltiplos. Esse lado brilhante é levado ao paroxismo na coda, indicada *Presto assai*, que conclui a peça em modo *estrepitoso*.

NOTAS DE BERNARDO MARIANO

1. Publicadas em dois cadernos: I (1-6) e II (7). Seguiram-se outras quatro, em 1843 (III: 8-9; IV: 10-11).

2. Também o dedicatário do 1.º caderno (peças 1-6) das *Magyar dalok*.

Arcadi Volodos

Arcadi Volodos nasceu em São Petersburgo (então Leninegrado) em 1972. Recebeu formação musical inicial em canto e direção coral, mas progressivamente o interesse pelo piano foi-se afirmando como a sua paixão principal. Em 1987 ingressou no Conservatório de São Petersburgo e posteriormente estudou no Conservatório de Moscovo, com Galina Egiazarova, no Conservatório de Paris, com Jacques Rouvier, e na Escuela Superior de Música Reina Sofía, em Madrid, com Dmitri Bashkirov.

Depois da sua brilhante estreia em Nova Iorque, em 1996, o percurso de Volodos viria a afirmá-lo entre os grandes pianistas do nosso tempo.

Ao longo de uma empolgante carreira, apresentou-se nos principais palcos do mundo, colaborando em concerto com as mais eminentes orquestras e com maestros de renome internacional como Myung-Whun Chung, Lorin Maazel, Zubin Mehta, Seiji Ozawa, Jukka-Pekka Saraste, Paavo Järvi, Christoph Eschenbach, Semyon Bychkov ou Riccardo Chailly. Os recitais de piano têm, desde o início,

desempenhado um papel central na vida artística de Volodos. O seu repertório inclui importantes obras de Schubert, Schumann, Brahms, Beethoven, Liszt, Rachmaninov, Scriabin, Prokofiev ou Ravel, lado a lado com peças menos interpretadas de compositores como Mompou, Lecuona ou Falla. Para além da Fundação Gulbenkian, onde tem atuado com regularidade, os compromissos em 2023 incluem a Philharmonie de Paris, o Concertgebouw de Amesterdão, o Konzerthaus de Viena, o Flagey Studio 4, em Bruxelas, o Auditório Nacional de Madrid, o Konzerthuset de Estocolmo, o Festival La Roque-d'Anthéron, o Festival de Piano do Ruhr e o Festival de Salzburgo. Desde a gravação do seu recital de estreia, captado no Carnegie Hall de Nova Iorque em 1999 (Sony Classical), Arcadi Volodos gravou uma série de álbuns de grande sucesso que foram merecedores de numerosos prémios como *Gramophone*, *Edison Classical*, *Diapason d'Or* e *Echo*.

**Se não puder
vir a um concerto,
ofereça o seu bilhete.**

**90% dos lugares vazios
no Grande Auditório
correspondem a
bilhetes comprados.**



GULBENKIAN.PT

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS
SEGURADORA OFICIAL



MECENAS
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável, oferecido pela **The Navigator Company**.

